

PARA ALÉM DO AZUL E DO ROSA: O USO PEDAGÓGICO DAS CORES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Gabriela Narumi Inoue(PIBIC/CNPq/FA/Uem), João Paulo Baliscei
(Orientador), e-mail:ra108302@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas Letras e
Artes /Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Linguística, Letras e Artes/Artes Visuais

Palavras-chave: Educação Infantil, cores, gênero

Resumo:

Como as orientações e enunciados pedagógicos feitos na Educação Infantil têm incentivado as crianças a significarem as cores? Desenvolveu-se a pesquisa bibliográfica e documental, pautada nos Estudos de Gênero e nos Estudos da Cultura Visual. Objetivou verificar como e quais relações são estabelecidas entre cores e significados na Educação Infantil. Apresentaram-se três tópicos: no primeiro introduziu-se a relação entre imagem e Educação Infantil, com enfoque nas cores como construções culturais; no segundo, discorreu-se sobre aspectos conceituais, históricos e políticos sobre gênero e sexualidade, somado a seus imbricamentos com as infâncias; abordou os percurso histórico, as concepções teóricas e metodológicas dos Estudos Culturais e da Cultura Visual, seguido pela análise da produção audiovisual *AZUL OU ROSA - Nosso mundo com Golias* (2018). Destacaram-se a pertinência de investigar as culturas visuais que circundam as infâncias e criar estratégias educativas intencionais para explorar e significar cores de modos múltiplos na Educação Infantil.

Introdução

Nesta pesquisa, debruçamo-nos sobre a relação entre cores e significados tecidos na Educação Infantil, a partir da seguinte problemática: Como as orientações e enunciados pedagógicos feitos na Educação Infantil têm incentivado as crianças a significarem as cores? Com isso, o objetivo geral da investigação consistiu em verificar como e quais relações são estabelecidas entre cores e significados na Educação Infantil. Como objetivos específicos, apresentamos os fundamentos teórico-metodológicos que os Estudos da Cultura Visual e os Estudos de Gênero conferem ao campo educacional; investigamos as associações que, culturalmente, têm sido feitas entre gênero e cores específicas; analisamos um artefato da

cultura visual destinado às crianças e que problematiza a generificação de cores, brinquedos e brincadeiras nas infâncias.

Para além de suas atuações visuais e expressivas, consideramos que os elementos cromáticos carregam relações de significados atreladas às construções sociais de um determinado contexto cultural e se comportam também como pedagogias ao (re) produzirem valores e saberes; regularem condutas e modos de ser; formarem identidades e representações. Tais pedagogias adentram o ambiente escolar e permeiam as brincadeiras e as maneiras como as crianças se relacionam com os elementos visuais, significam o mundo e a si mesmas, inclusive em suas formas de atuar e vivenciar seus gêneros. No caso da Educação Infantil, a cor se mostra ainda mais presente, conforme observamos nos direitos de aprendizagem e campos de experiências assegurados à essa etapa pela Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018) e recorrentemente reforçam associações entre cores e gêneros específicos, de modo que as crianças aprendem, desde muito cedo, a reproduzir estereótipos que ligam o rosa ao feminino e o azul ao masculino.

Materiais e métodos

Para o desenvolvimento da pesquisa, bem como a realização dos objetivos propostos, utilizamos a metodologia bibliográfica e documental, e estruturamos a investigação em três momentos. No primeiro, introduzimos a relação entre imagens e Educação Infantil, com base no conceito de pedagogia cultural e na Cultura Visual, compreendendo as cores como um componente imagético cujos significados são construídos e modificados conforme os contextos históricos, sociais e culturais. No segundo momento, debruçamo-nos sobre os Estudos de Gêneros para verificar aspectos conceituais, históricos e políticos do gênero e da sexualidade, bem como, relacionamos estes aos artefatos endereçados às infâncias e aos documentos afetos à Educação Infantil, à infância e aos direitos das crianças e à Educação de modo geral. Por fim, no terceiro momento discorreremos sobre o percurso histórico, teórico e metodológico dos Estudos Culturais e da Cultura Visual, com destaque nos imbricamentos com a educação, infâncias e produções culturais e midiáticas. Com esses aportes teóricos, realizamos a análise da produção audiovisual *AZUL OU ROSA - Nosso mundo com Golias* (2018), disponível na plataforma virtual *Youtube* pelo perfil *Meu Amigãozão*, atentando-nos aos discursos relacionados à significação das cores e às construções de gênero na infância. Nesse sentido, buscamos verificar no vídeo as possíveis confluências e contribuições que acompanham as discussões sobre os Estudos de Gênero e propiciam às crianças se relacionarem com o gênero enquanto uma construção passível de questionamentos e modificações. Do mesmo modo, também procuramos investigar prováveis elementos que reafirmam determinados estereótipos e discursos pedagogizantes que tendem a

caracterizar meninos e meninas a partir de elementos visuais repetitivos e pouco complexos.

Resultados e Discussão

Ao analisarmos o vídeo *AZUL OU ROSA - Nosso mundo com Golias* (2018), consideramos interessantes o modo como o e a personagem - Golias e Nessa - trazem perguntas sobre as brincadeiras e as cores voltadas aos meninos e às meninas e propõem a troca e mistura de cores, além de pensarem em brincadeiras que meninos e meninas podem participar coletivamente. Ademais, observamos que o episódio tematiza as relações entre cores e gênero de formas sutis, atravessadas em atividades lúdicas, como fabricar as tintas com pigmentos naturais. Ao brincarem de trocar as cores e se imaginarem com cores diferentes, Golias e Nessa mostram que, tal como os elementos cromáticos, o gênero também é uma invenção, um jogo ou brincadeira cujas regras podemos subverter. Verificamos também que o vídeo conta com a participação de crianças, cujas maneira como reagem e interpretam as associações entre gênero e artefatos como cores, brinquedos e brincadeiras confluem com apontamentos de Baliscei (2020), Cunha (2010), Gobbi (2013) e Nunes (2010) sobre os processos de generificação que atravessam as infâncias em seus cotidianos, a partir de diversos meios, dentre eles a cultura visual.

Conclusões

Compreendemos que as construções sobre gênero e sexualidade, engendradas social, política e pedagogicamente antes mesmo do nascimento da criança, fazem-se presentes na infância e determinam “o que é ser menino” e “o que é ser menina” a partir de diferentes instâncias, dentre elas, as cores empregadas nos artefatos e no espaço escolar da Educação Infantil. As cores, e sobretudo o rosa e o azul, têm, então, seus significados atrelados às características atribuídas ao feminino e ao masculino, e participam significativamente da pedagogia de gênero ao (re) produzirem modos de ser, pensar, agir, sentir e atuar adequadamente o gênero, e consequentemente a sexualidade, vigiada por meio deste. Ao delimitarmos de forma fixa as significações dos elementos cromáticos, bem como outros artefatos culturais, atrelados aos modos de vivenciar o gênero, a sexualidade e o corpo, estaremos regulando os desejos, as necessidades e as felicidades das crianças, restringindo a exploração, a expressão e o desenvolvimento de suas individualidades e potencialidades. Tais limitações levam, inclusive, ao comprometimento dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil, assegurados pela BNCC (BRASIL, 2018), a saber: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Nesse sentido, salientamos a pertinência de investigar e problematizar as culturas visuais que circundam os cenários

infantis, assim como propor outras estratégias educativas intencionais que propiciam às crianças explorarem e significarem as cores de modos múltiplos, para além da generificação binária do azul e do rosa.

Agradecimentos

Ao professor Dr. João Paulo Baliscei, agradeço imensamente a oportunidade de ter contato com a pesquisa acadêmica e experienciar um percurso repleto de descobertas, aprendizagens e afeto, sob a sua orientação sempre atenciosa e incentivadora.

Referências

BALISCEI, João Paulo. **Provoque**: cultura visual, masculinidades e ensino de artes visuais. Rio de Janeiro: Metanoia, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Menin@s nas tramas da cultura visual. In: BUSSOLETTI, Denise; MEIRA, Mirela (Org.). **Infâncias em Passagens**. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária da UFPel, v. 1, 2010, p. 55-78.

GOBBI, Marcia Aparecida. Lápis vermelho é de mulherzinha. In: FINCO, Daniela; GOBBI, Marcia Aparecida; FARIA, Ana Lúcia Goulart (Org.). **Creche e feminismo**: desafios atuais para uma educação descolonizadora. Campinas: Edições Leitura Crítica, 2015, p. 137-162.

NUNES, Luciana Borre. **As Imagens que Invadem as Salas de Aula**: Reflexões sobre Cultura Visual. São Paulo: Ideias & Letras, 2010.